

Destaques



DIVULGAÇÃO

PÁGINA **3**

Suzano faz extração de fibras de caixas longa vida

Para Rodrigo Pestana, empresa tem excelente oportunidade para inovação e desenvolvimento de novos negócios com integração de cadeias produtivas

Cadeias produtivas Indústrias reutilizam materiais com ajuda de novas tecnologias

Reciclagem avança com parcerias

Sergio Adeodato

Para o Valor, de São Paulo

Caixas de suco e leite aparentemente nada têm a ver com embalagens de curativos e muito menos com telhas para granjas. Apesar de finalidades tão distintas, os três produtos estão mais próximos do que se imagina, graças à construção de cadeias produtivas de reciclagem — estratégia que cresce no país como garantia de acesso à matéria-prima, preços viáveis e conquista de nichos de mercado para bens de consumo com apelo da sustentabilidade. “É uma excelente oportunidade para inovação e desenvolvimento de novos negócios”, afirma Rodrigo Pestana, gerente industrial da Suzano, fabricante de papel que instalou em Embu das Artes (SP) uma unidade para extração das fibras das embalagens longa vida descartadas após o consumo dos alimentos.

O material reciclável, fornecido por cooperativas de catadores, é processado para a fabricação de cartão PCR. As instalações têm capacidade de absorver mil toneladas mensais, o que representa 37 milhões de caixas de suco e leite. Com objetivo de viabilizar o projeto, foi necessário identificar um parceiro industrial para fechar o ciclo, lançando produtos finais contendo o material desviado do lixo. “Logo surgiu o interesse da Johnson & Johnson para uso do papel-cartão na embalagem do Band-Aid e a perspectiva agora é ampliar a aplicação para outras linhas de produtos”, diz. É realizado um trabalho junto a gráficas para adequação à novidade. Hoje 25% de papel reciclado na Suzano provem de embalagem longa vida, comprada junto a 40 cooperativas de catadores localizadas no raio de

200 km da fábrica. Após a separação do papel, a liga de plástico com alumínio, existente nas caixas, é vendida para produção de telhas.

“É preciso cuidado com a origem do papel”, afirma Carlos Souto, diretor de embalagens da Johnson & Johnson. A empresa apoia as cooperativas fornecedoras para a certificação com base no padrão de normas SA 8000, que proíbe o trabalho infantil e em condições análogas à escravidão, além de exigir sistemas de saúde e segurança. A Cooperativa Futura, em São José dos Campos (SP), foi a primeira a receber o selo, depois conferido também para a Cooperativa Aguapé, em Manhumirim (MG). De acordo com Souto, a imagem do produto — no caso, o curativo — deve estar associada à redução de impactos ambientais e sociais. Das 1,3 mil toneladas de Band-Aid produzidas no Brasil para distribuição nas Américas, 30% contém cartão produzido com as caixas longa vida pós-consumo. A iniciativa evita o despejo de resíduos em lixões ou aterros e promove a criação de valor para materiais que antes não tinham uso.

Na Associação Vira Lata, organização de catadores fornecedora da Suzano em São Paulo, o pagamento de preços superiores aos de mercado tem estimulado a separação e o enfardamento das caixas longa vida. “Como falta coleta municipal, sem o incentivo fica difícil e demorado juntar uma carga no volume viável para comercialização”, diz o tesoureiro José Antônio Miranda. A indústria papelreira paga R\$ 0,37 por quilo, enquanto antes o valor era de R\$ 0,25. Com 40 catadores, o galpão processa 150 toneladas de resíduos por mês, com receita de R\$ 400 mil por ano.



DIVULGAÇÃO

Pestana, da Suzano: 25% de papel reciclado provém de embalagem longa vida, comprada junto a 40 cooperativas

A renda média dos trabalhadores é de R\$ 800 mensais.

Além das fibras para o papel-cartão utilizado como embalagem dos curativos, os demais resíduos das embalagens longa vida servem para produzir placas e telhas consumidas na construção civil. O material contendo plástico e alumínio é encaminhado para a recicladora Ciclo, em Araçariguama (SP), onde são produzidas 25 mil telhas por mês, principalmente para galpões de granjas. “Alcançamos melhores características técnicas e acústicas em relação às telhas convencionais de fibro-cimento”, diz o empresário Arthur Goldemberg, que montou a fábrica ao lado do sócio João Agnelli para apostar no mercado de produtos ambientalmente corretos e aguarda as medidas práticas da Política Nacional de Resíduos Sólidos para crescer.

“Teríamos condições de dobrar a produção se a coleta seletiva aumentar”, diz Goldemberg.

“A aliança é pioneira na cadeia de reciclagem”, ressalta Fernando von Zuben, diretor de meio ambiente da Tetra Pak, fabricante das embalagens longa vida que investe em tecnologias e novas aplicações para assegurar um destino adequado ao produto após o consumo. A união com a Suzano e a Johnson & Johnson reflete, segundo ele, a coligação de esforços entre diferentes setores empresariais para a implantação da logística reversa de embalagens no Brasil. “Reciclar embalagem longa vida passou a ser oportunidade competitiva na indústria papelreira”, diz o executivo.

Além da Suzano, a Papyrus, por exemplo, montou recentemente

uma fábrica em Limeira (SP), apenas para processar as caixas de bebida descartadas após o consumo. O objetivo é produzir papel-cartão para embalagens de alimentos. De igual modo, a indústria Artevinco utiliza a matéria-prima reciclada para fazer caixas de papelão em Santa Rosa de Viterbo (SP). Já em Camaçari (BA), a empresa Pegada Ecológica processa 1,6 mil toneladas de embalagens por mês para a produção de papel e telha. No Brasil existem 35 recicladoras de caixas longa vida, com faturamento total de R\$ 80 milhões por ano — e, segundo von Zuben, há espaço para crescimento. Hoje são recicladas 29% das 12 bilhões de embalagens deste tipo que entram no mercado anualmente. A meta do fabricante é aumentar a recuperação para 35% até 2014.

Preço dos materiais tende a cair

De São Paulo

O aumento da taxa de recuperação de embalagens após o consumo, resultado da ampliação da coleta seletiva, da maior qualificação dos catadores e da conscientização dos consumidores, poderá afetar os preços de mercado dos resíduos recicláveis. O risco está associado à demanda insuficiente por matérias-primas recicladas diante do brusco crescimento da oferta e também à tendência de “empobrecimento” da composição total dos resíduos, com menor quantidade de materiais mais valiosos, como o alumínio.

A análise, presente no estudo recém-elaborado pelo Compromisso Empresarial para Reciclagem para a implantação da logística reversa, aponta que a questão deverá atingir principalmente o papel e papelão. Ao contrário dos demais materiais, a procura por aparas para aproveitamento industrial é limitada e o preço de venda flutua muito em função da oferta e demanda. A redução de preços poderá abranger também as embalagens longa vida, mas em menor dimensão por conta da existência de plástico e alumínio em sua composição, utilizados na fabricação de placas e telhas.

Projeções para 2014 indicam que o valor do papel e papelão cairá de R\$ 0,42 para R\$ 0,32 o quilo, convergindo para o preço do mercado internacional. De acordo com o estudo, com maior quantidade desse insumo será preciso desenvolver destinos alternativos, mediante novos usos para o material reciclado. Para o conjunto dos materiais recicláveis, a redução média de preços deverá ser de 10,4% em 2014, comparando-se com 2010. (SA)

